



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SHIN PINTO NISHIMURA**

**(depoimento)**

**ANO**

**2011**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-225

**Entrevistado:** Shin Pinto Nishimura

**Nascimento:** 09/11/1984

**Local da entrevista:** Diretório Acadêmico

**Entrevistador/a:** Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior

**Data da entrevista:** 11/06/2011

**Transcrição:** Fabiane de Oliveira Batista

**Copidesque:** Rangele Guimarães Viegas da Silva

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 62 minutos

**Páginas Digitadas:** 35

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

NISHIMURA, Shin Pinto (*Shin Nishimura, depoimento, 2011*).  
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE –  
ESEF/UFRGS, 2011

## **Sumário**

Envolvimento do entrevistado com o Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach; Ações do Diretório Acadêmico; Relação com o Diretório Central de Estudantes e com a Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física; Campanha para a construção do Restaurante Universitário na Escola Superior de Educação Física; A ocupação da Reitoria da Universidade de São Paulo pelos estudantes; A ocupação da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos estudantes; estratégias de atuação do movimento de estudantes de Educação Física. Movimento de Estudantes de Educação Física.

Porto Alegre, 3 de outubro de 2011. Entrevista com Shin Pinto Nishimura, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.J. - Nome completo?

S.N. - Shin Pinto Nishimura

C.J. - Em 2006 qual era sua relação com movimento estudantil?

S.N. - Eu entrei em contato com o movimento estudantil foi em 2004. Então, entrei na faculdade<sup>1</sup> em 2003, 2004 entrei a primeira vez. A gente entrou numa chapa de diretório acadêmico, que a composição era forma da nossa barra<sup>2</sup>. Essa barra que entrou em 2003, mais uma galera da antiga que tava querendo se articular, então daí em 2005 participamos do EREEF<sup>3</sup> e ENEEF<sup>4</sup>. Em 2006, eu já tava compondo a coordenação no início do ano, coordenação regional da Executiva da Educação Física, mas não a coordenação do DA<sup>5</sup>, mas era de algumas das coordenações de DA em 2006, devia ser de propaganda...Uma coisa relacionada à divulgação. E já por final de 2006 é onde eu passo a compor a coordenação nacional da Executiva da Educação Física e da coordenação geral do DCE<sup>6</sup> da UFRGS. Então em 2006 aconteceram essas mudanças aí, no início do ano eu estava na coordenação regional e no DA. E depois disso, estava junto às duas coordenações gerais de DCE e executiva.

C. J. - No período de 2005 e 2006, como era a relação do diretório acadêmico da Educação Física com o DCE e com os outros diretórios acadêmicos da UFRGS?

S.N. - Olha, lembro muito bem que os primeiros contatos que tivemos com o DCE foram em 2005. Mesmo sem indicar se estar compondo com muita força, o DCE e tal, mas a

---

<sup>1</sup> Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Barra é a expressão utilizada para se referir ao semestre letivo de ingresso. Barra 1 (/1) equivale ao primeiro semestre do ano letivo e barra 2 (/2) equivale ao segundo semestre do ano letivo.

<sup>3</sup> EREEF – sigla para Encontro Regional dos Estudantes de Educação Física

<sup>4</sup> ENEEF – sigla para Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física

<sup>5</sup> Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach

<sup>6</sup> Diretório Central de Estudantes

gente já tinha gente que já ia para as reuniões, era uma galera que, de certa forma, tinha uma proximidade com quem tava no DCE na época, com quem recém tinha entrado no DCE na época, que era o pessoal do PSOL<sup>7</sup>, principalmente, então tinha um... Se for pensar. Uns estudantes das antigas, o Bernado<sup>8</sup>, a Daniela Conte, o Rupental<sup>9</sup>, o Marcus<sup>10</sup>, o Vicente<sup>11</sup>, que a gente chama de “Vico”, a “Raka<sup>12</sup>”, a Fernanda Melchionna, que hoje é vereadora pelo PSOL. Então, tinha uma galera que tinha uma aproximação, tinha essa galera que conseguia aproximar a gente. Quem já iniciava a participação dos espaços era o Guilherme Gil<sup>13</sup>, que era da coordenação do DA e que a gente chamava de presidente pela forma que ele organizava o DA, e o Alemão<sup>14</sup> também, que participava dos espaços, o Giovanni Frizzo<sup>15</sup> também. Eu fui nesse período que devo ter ido a uma ou duas reuniões no ano de 2005... Não sei o que era o restante da pergunta...

C. J. - No período de 2005 e 2006, nesse período.

S.N. - Então, inicia em 2005 o contato, mas, muito assim... A gente, sempre o movimento estudantil tinha o pé atrás, até porque sabíamos que o DCE era composto por forças. Não era qualquer um que estava lá, não era todo mundo “amiguinho” nem nada, então, a gente, para compor com forças, que na época era o PSOL e tinha o PSTU<sup>16</sup> já tentando entrar no DCE e fazendo embate e denúncia que o pessoal estava fazendo no DCE. É que a gente ia com os pés meio atrás assim, depois de 2005, final de 2005, a gente já participa... Não chega a ter congresso em 2005 ainda, mas então a gente já está de 2005 para 2006 a se inserir nos espaços mais amplos dentro do DCE. A galera conseguiu articular com a gente através da pauta do esporte. Então, o que o pessoal da Educação Física está avançando na discussão do esporte, vamos trazer isso para dentro do DCE. É uma forma de colocar a gente dentro do DCE também. E aqui de 2005 e 2006 a gente já entra em coordenação. E chegou a tocar os jogos da UFRGS, que foi no ano de 2005, com a proposta bem

---

<sup>7</sup> Partido Socialismo e Liberdade

<sup>8</sup> Bernardo Corrêa

<sup>9</sup> Eduardo Ruppenthal

<sup>10</sup> Marcus Vianna

<sup>11</sup> Vicente Ribeiro

<sup>12</sup> Raquel Matos

<sup>13</sup> Guilherme Gil da Silva

<sup>14</sup> Eduardo Gottens Pergher

<sup>15</sup> Giovanni Felipe Ernst Frizzo

<sup>16</sup> Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

diferenciada do que o DCE vinha propondo de jogos. Até então, o DCE tocava um modelo de campeonato que a gente conhece normalmente. Se monta um time, joga contra o outro e sai um vencedor, sai o campeão, vamos dizer assim, e durante o campeonato rola muitas brigas e a galera, até conseguir chegar um campeão, se desgasta demais. Então, é um tipo de política que não aproxima os estudantes ao DCE. A gente tinha outra proposta de fazer um debate sobre o esporte nesse processo, organizar um campeonato dividindo os estudantes pelo número de cartão, por exemplo, não chegava um time montado, pronto! Do lado iam os números pares, do outro os ímpares, assim já criava outro clima, preservava até o ambiente para gente conseguir dialogar com a galera sobre outras pautas da universidade. Que não só o esporte, que, de certa forma, era o atrativo, mas, depois a gente ia pesando para cima de assistência estudantil, moradia, como está a situação do transporte, da Casa do Estudante, por aí, vários outros problemas que a gente ia vendo na universidade, que a gente tentava um diálogo. Até conseguimos colocar, dentro dos jogos, atividades culturais no meio. Era a nossa proposta de alterar bastante a configuração disso aí. E, pensando num elemento que acho importante para a nossa entrada, a gente quando começa a compor o DCE, a gente propõe que seja organizado um congresso de estudantes. Então, se retomou a idéia de congresso de estudantes em 2006, que foi em junho de 2006 que foi realizado o 2º Congresso de Estudantes da UFRGS, que de alguma forma a gente pode voltar depois nas outras perguntas.

Foi uma das coisas que conseguiu aglutinar diversos cursos com suas pautas específicas em um congresso que pôde tirar uma pauta geral. Então tinha lá estudante da Comunicação por falta de professor, vinha lá nesse período, do Instituto de Artes, os estudantes das Artes com o prédio caindo aos pedaços, vinha já demanda de ampliação dos RU's<sup>17</sup>, ampliação da assistência estudantil para garantir a permanência da galera na universidade. Acho que um dos grandes catalisadores dessa aproximação, pensando em 2005 e 2006, como a gente se relacionava com DCE e com os outros cursos, essa articulação para o congresso aproximou muito a gente, porque a gente tinha contato direto com os estudantes, de alguma forma tentava pegar as experiências em organização dos DA's e a gente tentava levar a nossa. Que a gente conseguiu tocar a festa, tocar jogos, tocar tudo que provavelmente um DA tem que fazer, e a gente, para, além disso, conseguiu tocar a Semana Acadêmica, politizar espaços e conseguir, de uma forma, problematizar a

---

<sup>17</sup> Restaurantes Universitários

realidade que os estudantes enfrentam na universidade, e de ir para frente deles tentar estimular uma faísca para eles se mobilizarem em torno daqui... Acho que nesse período a nossa relação era meio essa assim... Isso como movimento estudantil da UFRGS, tu perguntas, né?

C.J.- Isso. Com DCE e os Diretórios Acadêmicos. E sobre o RU na ESEF, o que tu sabias sobre esse tema antes da campanha de 2006?

S.N. - Acho o que todo mundo sabia naquele período, porque isso corria muito pelos corredores. É que já se tinha tentado fazer uma campanha. Isso pelos anos de 2003, mas ao mesmo tempo em que essa galera em 2003 tinha tentado fazer uma campanha, se não me engano no ano de criação do RU na ESEF... No ano seguinte, se não me engano, a Reitoria estava anunciando um aumento do RU de R\$ 1,30 para R\$ 2,40, e esses mesmo caras que estavam lutando pelo Restaurante Universitário na ESEF, estavam simplesmente lançando no jornal deles que era o primeiro aumento em 8 anos. Então, era um grupo político, que não levava, não dava seqüência, não tinha, de certa forma, responsabilidade com a pauta e com as disputas que estavam acontecendo. Eles lançaram a campanha porque, que bom! É muito fácil, ou melhor, é muito sensível! Os estudantes de um curso inteiro, a ESEF com cerca de 700 ou 800 estudantes de uma galera que não tenha onde comer. Então, é muito sensível isso... Então, na época eu sabia isso... Que bom! Em outros campi da UFRGS, eles tem o Restaurante Universitário e aqui na ESEF não tem, nós... Porque que não? E a única justificativa que deram para gente é que a Reitoria não via na ESEF uma demanda suficiente para criar um Restaurante Universitário, então, isso sempre foi dito para gente. Por colegas nossos mais da antiga, por professores da ESEF que, inclusive, depois se diziam que nunca ia sair um Restaurante Universitário na ESEF. Acho que do que a gente sabia era muito isso, a partir de ouvir essas desculpas, a gente começou a se colocar, se aprofundar mais no conhecimento sobre esse problema, que é a falta do Restaurante Universitário na ESEF. E foi atrás, da assistência estudantil, do que a gente tinha direito, e uma das coisas era isso. Temos direito no subsídio na alimentação, então, a gente começou a dar os primeiros... A gente começou a se dar conta, que estava sendo sitiado de um direito aqui! Não é nenhum luxo que a gente está exigindo, não ter onde comer, ainda mais! Pensando na universidade pública, que embora em alguns cursos ainda tenha uma elite da sociedade que tem grana para se bancar, tem carro, muitos cursos, principalmente

os da Licenciatura, a galera não tem como se manter, então muitos precisam correr atrás de bolsas. Muitos precisam ter o subsídio da alimentação o que para gente ali inviabilizava, porque a muitas vezes tínhamos que gastar cinco, dez reais para ter uma alimentação mais ou menos adequada, para depois voltar para as aulas que muitas eram práticas. A Educação Física também tem esse fator. A galera está em aula, de manhã, por exemplo, fez uma aula teórica de manhã, vai almoçar, se vai comer um salgado de tarde, está às 13:30 horas no sol tendo aula de atletismo, então isso aí para se manter num curso destes com essa condição já dificultava demais.

C.J.- Tu saberia me dizer porque essa campanha não avançou?

S.N. - Eu acho porque faltou os caras darem uma seqüência, aí eu vou ter que dar nomes aos bois... Quem estava no DCE na época era a Gestão Mãos a Obra! Que era uma galera do PT<sup>18</sup>.

C.J.- Qual era o ano?

S.N. - Em 2003, se não me engano! É 2003 para 2004, era uma galera mais vinculada à esquerda. Isso a gente tem que olhar para a conjuntura nacional. O que acontece? Qual o grande fato que acontece em 2003 para a esquerda? Em 2002 para 2003 entra o Lula<sup>19</sup> para Presidência, mas em 2003 é onde acontece a reforma da previdência, onde muita gente começa a desiludir, começa a ver o que é o PT naquele período. Reforma da previdência foi uma pauta que foi tocada pelo Lula a partir da computação dos movimentos sociais, a partir, de certa forma, de uma nova habilidade política do governo, mas, que para muita gente do PT, de certa forma, foi a gota d'água... Não tem mais como a gente ficar se o que governo quer... Historicamente dos trabalhadores do Partido dos Trabalhadores, vai está agora atacando os trabalhadores no que se tem no direito... E que se reflete na conjuntura local do que era até num acesso do PT lutando por ter um presidente... Então 2001, 2002 com a grande conjuntura de greve nacional quem estava no governo era o Fernando Henrique Cardoso. E ainda segue isso até pelo menos 2003 quando essa galera do PT consegue continuar no poder, consegue continuar na direção do DCE, mas, que,

---

<sup>18</sup> Partido dos Trabalhadores

<sup>19</sup> Luis Inácio Lula da Silva



depois disso, com esse desgaste do PT, com o crescimento e a criação da galera que começa a entrar no PSOL que nada mais são do que antigos militantes do PT. Então, eles não têm sugestão, não tem perna para tocar em função dessa conjuntura mais ampla, mas também, eles não têm como... Não são consistentes na forma de organizar a campanha, porque parece que eles, quando propõem, lançam o adesivo e botam no jornal... Acho que na cabeça deles era assim: era espontâneo de acontecer... Bom, eu acho que são duas possibilidades na real: ou eles acharem que era uma coisa espontânea... “Vamos largar isso aqui e os estudantes vão agora começar a se mobilizar a partir disso”. Ou então eles só usavam essa questão do RU e da campanha do RU na ESEF como trampolim eleitoral para gestão, para ganhar o DCE. Mesmo que a gente não leve tão adiante assim a campanha, nós estamos fazendo alguma coisa, pensando na ESEF, fazendo alguma coisa por vocês, de alguma forma vira pauta que é para ganhar voto dentro da Educação Física nesse período. O que depois se reverte entre esse pessoal mais vinculado ao PSOL, muitos culpam a ruptura do PT.

C.J.- Dá para se dizer que a pauta da reivindicação do Restaurante Universitário na ESEF estava sempre nas propostas das chapas do DCE? Aparecia freqüentemente?

S.N. - Do que tenho conhecimento, pelo menos desse ano, 2002, 2003 e depois adiante. Porque, 2005, 2006 era a gente que estava impulsionando para frente, nós levamos até hoje em dia. A galera conseguir ter a vitória, de ter a janta no RU da ESEF, então, pelo ano de 2002 adiante, eu posso dizer que sim. Só que antes disso, a gente ouviu história de professores da ESEF, que eram estudantes na ESEF na década de 70 e de 80, de que isso sempre foi uma pauta, sempre foi uma necessidade, só não sei o quanto isso se transformava em pauta e proposta de campanha. De chapas para o DCE, por exemplo, mas a necessidade e a articulação em torno sempre existiu, é que a ESEF completa agora 75 a 76 anos, então sempre esteve essa necessidade, de subsídio para alimentação dos estudantes da ESEF, mas agora, precisamente pelo ano de 2002 para frente, isso aparecia nas campanhas, com certeza.

C.J.- Onde o Diretório Acadêmico da Educação Física, já na gestão de 2005 e 2006, enxerga a necessidade da criação da campanha?

S.N. - Eu lembro precisamente de uma reunião que a gente fez, devia ser final de 2005, não tenho precisamente a data disso, mas era uma reunião que a gente fez para discutir essa questão. Bom, nos perguntamos o que aqui dentro da Educação Física a gente consegue mexer com uma pauta, que possa se transformar numa pauta mais ampla, que tenha ligação com pautas mais amplas com a universidade de defesa de universidade pública de assistência estudantil? Nessa reunião um cara que estava presente, membro do DCE, na época, foi o “Vico”<sup>20</sup>, o Vicente Cabrera é o nome dele. Ele chegou botando mais uma pilha na gente, de que “gurizada vocês tem que tocar a campanha para o RU... Está caindo de maduro, a galera sente a necessidade”. Vocês agora estão conseguindo se organizar no Diretório Acadêmico, estão conseguindo ter um grupo que toca o DA, tem inserção, a partir de varias atividades que conseguia promover junto com os estudantes em geral”... Também era uma conjuntura no Diretório Acadêmico muito favorável, porque a gente, de uma gestão anterior que foi até 2003, a galera do Diretório Acadêmico era vista como os caras que ficam só fazendo festa, o DA não abre para nada, só abre para fazer festa, churrasco, cervejada sei lá o que, sabe? E ai a gente se colocou e se articulou. Nessas chapas que eu estava dizendo no início, de ter algumas pessoas mais da antigas...Guilherme Gil, Giovane Frizo, a própria Luanda<sup>21</sup>, o Leon<sup>22</sup> não chegou a se articular junto com a gente e mais umas pintas, que agora não tô lembrando o nome. Maira<sup>23</sup>, que era uma guria do PC do B, sempre esteve muito que entrasse com ela também. A gente, nessa história toda tinha ganhado a eleição do Diretório Acadêmico, porque anteriormente era visto como só a galera da bagunça e de festa. A gente ganhou uma eleição apertadíssima, muito disputada, com debate eleitoral... As duas chapas com muita inserção em algumas das turmas, e com grana e de certa forma até uma dedicação grande de fazer camiseta, panfletos, elaborar um monte de proposta e, nisso, a gente ganha essa eleição, e como uma das propostas nossas que me lembro já era a questão do RU. Eu lembro que não era nem assim, não era uma campanha pelo RU na ESEF já! Isso 2004 fora do que eu estava falando, quando o Vicente foi numa reunião nossa aí. E já nessa eleição do DA, que foi em 2004, a gente já tinha uma idéia: vamos ter que problematizar essa questão de não ter RU na ESEF sabe? A gente não tinha isso, vamos ter uma campanha pronta e agora vamos sair fazendo ela. A gente tinha muitas coisas anteriores para

---

<sup>20</sup> Vicente Calheiros Cabrera

<sup>21</sup> Luanda dos Santos Dutra

<sup>22</sup> Leon Frederico Kaminsky

<sup>23</sup> Maira Lopes de Araújo

organizar do que a gente achava que íamos dar conta de uma campanha que era minimamente, “limpar” essa imagem do DA frente aos estudantes e aos professores e a comunidade como um todo. A gente tinha como primeira tarefa a cumprir e depois disso, conseguir se colocar dentro da vida dos estudantes, ter inserção dos estudantes, criar uma cara do DA.

Começamos a gerar jornaizinhos, falávamos de diversos temas que eram pertinentes a todos os estudantes da ESEF. Outra coisa que também tivemos que romper, foi com a ausência de representantes discentes. Os caras que estavam na chapa anterior não tinham representação discente, eles colocavam os nomes lá e não apareciam para os professores. Os estudantes vêm à universidade para se formar e fazer bagunça e os caras do Diretório Acadêmico não queriam mais nada além disso. Aí a gente compôs toda a representação discente, a gente ia às reuniões, então, se preocupava com a formação. Criou-se um grupo que era o “lagarteando” antes de existir um grupo de estudo do DA. Foram várias frentes que a gente se organizou para fortalecer, criar uma identidade para ter um grupo coeso dentro do DA que ,de certa forma, possibilitou que a gente desse o peso e a força que conseguiu dar para campanha depois. Eu nem me lembro qual era a pergunta, mas acho que chega até aí, de que a conjuntura que o DA precisou para a gente ter uma mínima organização, ter uma galera que fosse osso duro da organização, que segurasse as broncas, que tivesse ali sempre tocando, e influências de uma galera em volta para conseguir mudar essa conjuntura de descrença que tinha do DA. Depois, mais para frente, o DA virou muito político, não se preocupa com os direitos dos estudantes, sei lá , vão para fazer festas, campeonato, que é o que a galera passava reivindicando.

C.J.- Como era caracterizada a outra chapa que concorreu contra vocês em 2004?

S.N. - Em 2004 nossa chapa era “ESEF em Movimento” e nosso slogan era: “Saia da inércia, participe desse movimento!” E a outra chapa era “ESEF mais”... Era por aí assim, e era os caras que tinham dentro da chapa deles, algumas pessoas alguns estudantes que eram meio figurão, sei lá se for pensar, no ensino fundamental... Eram os caras que eram os mais populares da escola na ESEF, tinha lá o cara que dançava, tinha o cara que fazia o agito de não sei o quê, que tocava numa banda, o cara da capoeira, eles tinham essas questões, e a principal reivindicação deles era, justamente, essa que podemos chamar, não se, i de anti-político ou, de certa forma, política voltada só para diversão. As frases dos

caras eram famosas: “vamos ter que ter mais festas, vamos ter que ter jogos, nós estamos dispostos a fazer”, sabe? E eram os caras que, com certeza, se tivessem entrado naquele ano, eles teriam feito tudo isso, entendeu? Numa dessas nem a campanha pelo RU tivesse tocada nos moldes de como a gente conseguiu tocar para frente. Então, também tem um ponto chave que nós conseguimos ganhar aquela eleição mesmo com umas pautas mais duras, que o que a gente levou... Vamos voltar à representação discente que, para a maioria dos estudantes, não fazia diferença, não fazia sentido nenhum. A gente já se posicionou sobre a regulamentação da profissão nos questionando, nós temos que discutir então todos esses pontos. Reforma universitária, não lembro se chegamos a colocar, mas, já tem uma defesa de universidade pública que, de uma certa forma, se for pensar qual era a proposta mais fácil de ouvir ou que agradava mais, vamos dizer, era a proposta dos caras! Quando íamos para os debates, por exemplo, ia lá a coordenação que estava articulando conseguia fazer perguntas do nível: “o que vocês acham da Lei nº 9696/ 98?” Os caras não tinham noção do que era, e era uma coisa central da Educação Física na época, que era a questão da regulamentação! Então nisso aí a gente conseguiu já dar o tom do que a gente vem fazer. Se preocupar com Diretório Acadêmico.

C.J.- E voltando à campanha, qual foi o primeiro passo tomado para o RU no DA?

S.N. - Pegando um fio no que tinha sido aquela reunião que a gente fez que o Vicente esteve presente e que a gente fez uma avaliação: ou a gente vai pegar esse negócio da campanha ou a gente vai levar ela adiante e vai levar com consequência como a gente tá fazendo, e vai levar à universidade, com cartaz, com panfletos com a questão do RU entendeu? A gente, colocou isso: vamos abraçar de verdade! Iniciando o ano na ESEF, na universidade tem que estar tapado de material disso para campanha ir para rua. Mas foi o primeiro movimento nosso, estou tentando me lembrar agora, mas a gente se bateu muito com essa questão da demanda, porque sabia que, se a gente repetisse a mesma estratégia que tinha se proposto a tocar a campanha antes, de só levar demanda para a Reitoria dizendo “precisa ter um restaurante universitário na ESEF”, a resposta seria a mesma: “não tem demanda”. Então, lembro que uma das primeiras preocupações nossas foi de fazer comprovação dessa demanda... Se a gente usar as mesmas cartadas que já foram utilizadas por aí, a Reitoria já tem uma resposta muito pronta, muito certinha para resolver isso com a gente, de fazer a gente ficar quieta no nosso canto... Que bom não tem demanda, sabe?

Então a partir daí, se não me engano, em relação à ação, foi a primeira que a gente fez. A gente tentou já fazer uma comprovação de demanda... Esses dias eu estava falando com o Alemão que a gente ficava na frente do bar da ESEF com umas planilhas, com uns canhotinhos para galera dizer quando utilizaria o RU da ESEF, se tivesse, ou se utilizaria o da ESEF... Mas era a primeira tentativa nossa, que foi muito tosca, a gente chega até a extrair resultado disso e tal, mas ver que não seria suficiente chegar nessa estrutura toda que a Reitoria, com a demanda que conseguimos a partir de uns gatos pingados, que a gente conseguiu que respondesse. E depois, a partir disso, que a gente começa ter uma articulação muito maior e a fazer divulgação, e já com uma tática bem armada, que é a questão dos atos almoço, que não era mais a gente ficar lá na confeitaria no restaurante que tinha na ESEF pegando só quem passava ali. A gente já tentava atrair a galera fazendo almoço para todo mundo, acho que isso, os detalhes tu tens, não preciso te dar aqui! A gente pegava uns panelões, uns fogareiros ali na frente do DA e a galera passava ali, passava divulgando o almoço e, durante isso, que todo mundo ia almoçar, a gente já contava o número de almoços que servia, já comprovava a demanda, mas ao mesmo tempo, a gente colocava alguns papéis para ir enchendo ali também... “Vem aqui que a gente agora está querendo comprovar isso aqui para a Reitoria” porque a desculpa deles era sempre essa, de que não tem demanda. Então chegou até almoço com 150, 200 estudantes, e isso está tudo registrado inclusive em planilhas, quantos disseram que almoçariam 3 vezes da semana, 4 vezes, 5 vezes da semana A gente começou a aprofundar esse problema para propor e levar com outro peso para a Reitoria, mas isso demorou um tempo ainda, a gente, de certa forma, preparou bem os nossos instrumentos, para quem chegasse... Não tem o que os caras dizerem para nós, então, foi isso que te respondo, não sei se é isso ou se tem mais algumas coisa.

C.J. - Tu citou vários, onde os estudantes almoçavam antes do RU na ESEF?

S.N. - Bom, antes de ter um bar na ESEF, eu acho, porque, agora, se não me engano, já tinha mas ficou um tempo sem. Mas as “pinta” iam direto na padaria, que fica até uns 20 minutos das salas de aula, então, tu levava 20 minutos para ir, 20 minutos para voltar, tu já gastava 40 minutos de um intervalo de 1 hora que tu tens para ir almoçar, e lá tu pagavas R\$ 2,00 um salgado, uma empada, um pastel, qualquer coisa assim, refrigerante e ou bolacha. Uma das alternativas era essa a galera ir lá comer um lanche, passar o resto do dia

e depois voltar pra casa de noite, e muitos ainda trabalhavam a noite, então chegavam em casa só tarde da noite. A outra alternativa de que muitos estudantes lançavam mão, era a questão de levar comida. Então, sempre era uma cultura da ESEF levar umas bolachas na mochila, levar um salgadinho, levar qualquer coisa, até tinha gente que levava comida mesmo, as marmitas e nos intervalos, no meio dia na ESEF, havia uma galera abrindo umas marmitas para comer lá, porque não tinha onde se alimentar. Esse exemplo da padaria que a gente estava tratando aqui, se tu for pensar, tu comer um salgado, o que não era a grande maioria, tu acaba comendo dois, já gasta R 4,00 e vai comer outra coisa já gasta R4 5,00 ou R\$ 6,00. Comparando com o que é um Restaurante Universitário de R\$ 1,30, tu já gasta aí R\$ 3,70 a mais do que tu poderia gastar... Teria que gastar se a assistência estudantil fosse garantida, isso numa refeição por semana, no mínimo, 4 ou 5 vezes, e aí chegar a quase R\$ 20 reais na semana. No mês uns 80 reais, só falando do almoço, do que a galera que é estudante que recebe uma bolsa de 200 pila para pagar seu transporte, alimentação e ainda comprar livro, tirar Xerox, tudo, sabe? Pensar num Restaurante Universitário e onde a moçada almoçava não pode estar descolada de onde mais a galera tem gasto na ESEF. E tinha uma aula que tinha que correr, tinha que pegar um tênis melhor, Xerox, e por aí vai... Um monte de coisas, mas de alguma forma, expressa a precariedade da assistência estudantil, na época para os estudantes da ESEF, pontualmente nessa questão do RU... Depois tem bolsa e outros problemas também.

C.J. - Quando a campanha deixa o Diretório Acadêmico e passa para grande parte da parcela dos estudantes?

S.N. - Acho que a partir de quando tomamos essa decisão, de que se não me engano, é início de 2006 ou final de 2005, a gente já começa a articular em torno disso, nessa questão de que se é para a gente fazer vamos fazer bem! E vamos lavar a UFRGS com essa questão! Da campanha depois disso, então, se articula para buscar elementos para aprofundar mais esse problema e aí, depois disso, eu acho, dá pra se dizer que o Congresso dos Estudantes já articula com mais gente. O Congresso dos Estudantes acontece em julho de 2006 e não é um congresso muito grande. De alguma forma, a avaliação que a gente fez foi de que foi um pouco esvaziado, mas mesmo assim a gente conseguiu ter articulação com delegados, que normalmente eram membros dos DA de vários cursos: Enfermagem, Educação, Comunicação, Agronomia e próprio Direito tinha gente se articulando,

Engenharia devia ter colocado gente também. Depois, as Sociais, a galera que tem no Vale<sup>24</sup> da Historia, Geografia... Acho que nesse momento que a gente começa a colocar para fora o que depois, nesse processo, culmina no 3 de setembro, com um ato que conseguimos fazer e, aí sim, a própria convocação desse ato, a articulação para esse ato consegue ser feita com diversos cursos e consegue fazer colagem na universidade inteira com cartazes chamando para questão do RU. Eu acho que é um dos grandes fatores importantes para essa questão de chamarmos para fora a pauta, é ter o DCE, a esquerda, se a gente não tivesse o DCE na época seria um DA articulando com os outros DA's que tivesse algum conhecido, e é importante pontuar -não sei se a gente volta nisso - mas, se não tivesse um DCE bem articulado e a gente, de certa forma, se inserindo no DCE a gente ia ter muitos limites. Não só esse que a gente está falando, que são mais óbvios de o cara entender, de articulações com outros DA's, a própria militância que tinha, o pessoal que estava no DCE, mas também na estrutura financeira. Para a gente fazer adesivo, distribuir na universidade não era assim para um DA conseguir fazer, sabe? A gente não tinha... Mesmo que tivesse uma outra atividade que desse grana por causa das festas que a gente fazia, a gente também ia para encontros de estudantes. Encontro regional, encontro nacional, e sempre o máximo que a gente conseguia era sempre botar de grana e a galera pagar o menos possível para poderem participar desses espaços. Então, produção de adesivo, produção de cartaz e, uma das coisas que acho que é um grande diferencial, a produção de camisetas... Nossa idéia de produção de materiais é fazer a publicidade do negócio, então, acabava que a camiseta não pode ter preço de custo, não pode ser o que custou, temos que fazer a camiseta o mais barato que conseguir fazer. Tanto é isso, que as camisetas que fazíamos eram 5 reais, e depois, manteve sempre a 5 reais e isso dava uma dinâmica. A gente ia para um espaço de conselhos de entidades de bases, que juntava todos os DA's da UFRGS em reunião, e a gente saía a vender camiseta. Daqui a pouco, pensando nesse processo que rolou em setembro, tinha uma galera pela universidade andando com a camiseta da campanha pelo Restaurante Universitário. Olhava aqui na fila do RU do centro, que dobra as esquinas, e tinha uma galera que tu não conhecia, não só os militantes, a gente conseguiu massificar a campanha a partir da produção de material nos Diretórios Acadêmicos assim! Porque mesmo que não fosse diretamente do bolso do estudante da Agronomia, ele sabia que, de alguma forma, também incluía a pauta que lá na Agronomia

---

<sup>24</sup> Campus do Vale, em Viamão.

já estava sendo a ampliação do Restaurante Universitário. Então, acabou a campanha do RU como um carro chefe e por trazer junto muitas outras articulações necessárias no período de ampliação do RU do Vale, da Agronomia, do Centro, da Saúde, e depois pela abertura à noite e todas as outras coisas passavam pela assistência estudantil, pela permanência na universidade.

Tem outro elemento que é importante a gente pensar também, que se a gente acha que foi essencial ter um DCE de luta nesse período, a gente tem que olhar também que a gente só consegue, enquanto coletivo dentro da Educação Física, só consegue amadurecer e ter esse pique de tocar as coisas e entender mais a militância e se colocar como militante pelo contato com a Executiva... Não sei se tem mais uma pergunta relacionado a isso mas para frente? Ou falo agora?

C.J. - Pode falar.

S.N. - Porque assim, eu olhando esses materiais, tentando recuperar um pouco dessa história da luta pelo RU eu fui ver que a primeira mobilização... Através dos recortes das mobilizações que acho que no processo de luta consegue ver os avanços de certa forma, eles dão um salto de qualidade nessa formação e, recuperando esses materiais, um dos primeiros jornais do DA, a gente vê uma disputa que foi feita em torno da meia entrada para os estudantes em eventos, jogo de futebol, cinema, teatro, shows. Era uma coisa que estava sendo licenciada, esse avanço que se conseguiu da meia entrada parece que estava sendo cortado aqui no Estado e a gente, lá em 2005, acho que foi o primeiro ato que a gente participou, oram dois atos no Praia de Belas, dentro de um shopping. Para nós mesmos era uma coisa muito estranha, e depois já fez outro ato Shopping Olaria. Para tu problematizar a história e esse jeito com as coisas, a gente foi pegando mesmo muito em função do contato com a Executiva do curso. Em 2005, a gente vai para um encontro regional. O encontro, em si, estava muito desorganizado, a estrutura, o boicote com a direção, então, esses problemas que apareceram, mas que, de alguma forma ou outra, o espaço que participamos deu estalo de que a gente está aqui não só para fazer festa e tem muita coisa acontecendo com as quais a gente não concorda, mas que a gente não se dá conta, não pára para pensar, mas a gente tem que fazer alguma coisa indo para o ENEF de 2005 que foi em Salvador. Ali a gente já participou de todos os espaços, participou também de um ato público que foi um ato grande para caramba. Eta um mar vermelho,



porque a cor da camiseta era vermelha. A nossa delegação foi com uma camiseta própria, porque tinha um certo receio com o formato da camiseta do evento, que trazia na bandeira vermelha com o socialismo escrito. A gente também foi com um pé atrás, mas depois, no evento, a gente deu conta, que... É isso, a gente tem essa defesa também, e agora a gente tem que se aprofundar tanto sobre o que é essa defesa do socialismo e foi pegando o jeito de participar de ato público e se organizar também. Em 2006, no EREEF de Curitiba, a gente se indica para sede do EREEF de 2006, que também foi mais um desafio! A gente questionando a questão da espetacularização do esporte e o mundo do trabalho, já teve umas reflexões bem avançadas e toda a organização do encontro a gente conseguiu tocar muito bem, mas acho que em especial a gente conseguiu fazer um ato público muito bom que foi levar todo o encontro que, sei lá, seria de 200 estudantes para a Redenção<sup>25</sup> para dialogar com a população. Porque a gente questiona o esporte de espetáculo, porque a gente acha que a Copa do Mundo também tem bons limites e o esporte na escola... Jogávamos para vários lados, mas de fundo a gente teve que organizar um ato público, a gente era responsável por todos os estudantes que estavam naquele encontro, não tinha um responsável, desde a segurança, a organização das filas para a alimentação, que tinha que ter em todo encontro, também nas atividades, comunicação, então, a gente elaborou panfletos, a gente foi pegando o jeito de organizar manifestações políticas em grande quantidade de gente, carro de som tudo isso... Tínhamos que começar pensando isso em 2006 quando aconteceu o EREEF, lá em Setembro a gente conseguiu fazer um ato daquela envergadura, que foi aquele de 3 de setembro de 2006. Não é do nada, não é o iluminado que chega ali e sai organizando as coisas. Teve todo esse processo, esse acúmulo. Eu identifico esses dois elementos que são fundamentais: DCE e Executiva. A Executiva muito mais, porque eu diria que ela nos deu concepção de movimento que o DCE na época não tinha... Era muito mais configurado nas pautas mais amplas, muito menos na formação dos militantes de base. Eles giravam a galera que esta se formando na base que logo num Diretório Acadêmico começou a aparecer mais se girava para o DCE isso aí amputava boa parte da formação... Não podia ter contato ali direto com os estudantes, tocar pauta específica, coisa que a gente tentou manter e tenta manter até hoje! Com princípio organizativo ou concepção de movimento estudantil, né?

---

<sup>25</sup> Parque Farroupilha, em Porto Alegre

C.J.- O que tu acha que levou os estudantes da ESEF a aderirem à campanha?

S.N. - Eu acho que a gente tem que inverter essa pergunta. No sentido de o porquê, onde a gente conseguia, analisar os estudantes que não queriam aderir à campanha. Porque a partir de ver o porquê eles não queriam, começou a ver de que jeito nós vamos trabalhar com essa galera. E o primeiro elemento disso, é que entre os estudantes era, de certa forma, uma apatia. Vamos pensar num período histórico também, de anos e anos de políticas neoliberais e a entrada do governo Lula na Presidência. Para muita gente, até os que eram um pouco mais críticos, quando entra o governo Lula ainda tinham uma esperança com ela, então, deu um esfriada violenta também no movimento estudantil, nos estudantes que entravam na universidade. Então, esse é o elemento que era importante de olhar. A conjuntura, o processo histórico que a gente estava vivendo era de, e alguns caracterizam de um refluxo, isso aí também dá para aprofundar melhor. Então, os estudantes por si até concordavam com a pauta, mas por causa desse período, muitos estudantes não acreditavam que seria possível, porque era uma descrença total! Na ação coletiva, que frutos conseguiria ter com isso o individualismo muito forte... Acho que são traços bem característicos do período neo liberal: o individualismo. Para além disso, tinha essa negativa da Reitoria, então os estudantes tal ano já tentaram, historicamente na ESEF se tenta construir o Restaurante Universitário na ESEF e não se consegue, e quando a gente vai levar na Reitoria tem essa questão, de que não tem demanda suficiente, vocês podem espernear aí na frente, podem fazer o que vocês quiserem que a gente não vai colocar o RU na ESEF. Só que isso muito alimentado pela questão dos professores na ESEF. Havia alguns professores que eram inclusive -vou dizer nome aqui - não vai dar nada, né? Professor Álvaro<sup>26</sup> era um dos caras que certamente se colocava contra a campanha que a gente fazia. Alguns outros dizem “gurizada vocês podem até ter idéia de, romanticamente acreditar que vai dar certo, mas não vai dar certo”, sabe? Diziam isso para nós, mas o professor Álvaro de Oliveira era um cara que aproveitava do espaço e de alguma forma, o poder que ele tinha dentro da academia, dentro das aulas dele e também o reconhecimento que ele tem dentro das áreas biológicas para ficar dizendo em sala de aula, que o Restaurante Universitário na ESEF era um elefante branco... Ele dizia sempre em salas de aula: “se é um elefante branco, nunca vai existir, então, vocês parem com isso, parem com

---

<sup>26</sup> Álvaro Reischack de Oliveira

qualquer tipo de tentativa de lutar por um Restaurante Universitário aqui na ESEF e vão cuidar da vida de vocês, vão estudar, vão publicar artigos e vão tentar entrar aí no trabalho logo e ser cientista”. Esse cara muitas vezes a gente entrou em sala de aula para falar da campanha, porque sabíamos que íamos entrar na sala de aula com ele e ia ter o enfretamento. Muitas vezes a gente entrou em sala de aula e ele ficou batendo boca com a gente, que não tinha como, não era possível... Beleza! Depois disso acontecer, algumas vezes também ele falou que os estudantes da ESEF se reuniam para fazer... Isso foi especificamente no EREEF que a gente fez em 2006, dizendo que o EREEF que a gente tinha feito era só para galera ficar fazendo nuvenzinha de fumaça. Sem ter a mínima noção do que a gente discutia ali, inclusive de que isso, de alguma forma, hoje influencia o que a galera faz na ESEF que é disputar sua própria formação, que não concordam com Licenciatura e Bacharelado que disputam a formação para ser unificada, isso tudo é fruto dessa articulação estudantil e de encontros, e também de uma direção política que podemos identificar na executiva. Mas o cara dizia isso e a gente saía da sala de aula... Chegou um tempo que ele enfrentava a gente e não dizia mais nada. A gente dava o nosso recado lá, avisava que ia ter festa, alguma coisa, falava da campanha e saía da sala de aula. Quando a gente botava o pé para fora, fechava a porta, o cara já começava a descascar a gente, falava mal e aí a gente ficava sabendo que tinha um monte de estudantes ali que também se identificavam com a gente, até a gente começou durante esse entrada nossa, a primeiro dar o recado e depois perguntar se alguém tinha alguma contribuição, alguma coisa, um questionamento a fazer, para o cara não ficar falando sozinho né! Acho que nessa síntese desses três elementos: a conjuntura favorável para a mobilização dos estudantes muito apáticos e individualistas, a Reitoria sempre na negativa e os professores, em grande parte, não reconhecendo, não identificando possibilidade de se construir o Restaurante Universitário. Isso fazia a luta ser muito mais difícil assim, porque tu imaginas, mesmo que o cara, nesse balanço que a gente fez antes, gastasse 4 reais por dia mais o que ele ia gastar para se alimentar que pesa diretamente no bolso... Tu passava em sala de aula e a galera “até concordo com vocês, mas a gente não vai para um ato” Sabe, chegou ao ponto de professores liberarem os estudantes para irem ao ato, de passar em sala fazer um discurso e a calourada assim motivar a galera... Nisso a professora que antes dizia que não libera os estudantes para ir num ato dizia “não gurizada, então, já que a gurizada está se mexendo, não sei o que, vocês estão liberados... não vão ganhar falta se não tiverem aqui”. Às vezes não levantava ninguém dessa turma sabe? Às vezes levantava dois, três, então era uma

dureza fazer esse embate, não foi fácil, não foi como, em uma primeira olhada pode parecer de que a gente lavou de cartaz de camiseta na UFRGS da campanha e, a partir disso, foi só um empurrão ladeira abaixo que foi! A gente, a cada espaço, tinha que montar e mobilizar gente e isso era uma grande batalha. A gente tinha que conseguir motivar e tirar justamente naquela lógica da primeira chapa nossa, a gente tinha que tirar os estudantes da inércia, fazer de alguma forma eles entenderem que a vida universitária não é sentar na sala de aula assistir uma aula e depois ir pra casa. Estudar de novo para fazer uma prova na sala de aula tem muita coisa acontecendo fora da sala de aula e a gente estimulava isso. Como é que eu avalio que a gente conseguiu romper de certa forma essa lógica que estava bem estruturada nos três pilares aí? Primeiro, eu acho que, de novo naquele elemento a gente acumulou muito sobre o problema a gente estudou, foi atrás inclusive de qual era o orçamento da UFRGS e qual era a possibilidade de se criar um Restaurante Universitário, quanto se tinha de investimento no Restaurante Universitário, que não é só gastos, perdas, não é nada... Era investimento no estudante e começou a articular tudo isso a partir dos dados e comprovando, inclusive, para os estudantes da ESEF para eles também terem essa visão mais aberta de que é possível e é uma necessidade nossa. Mas depois a gente acertou muito na forma de mobilização, porque a gente também saiu um pouco da dureza de ligar um microfone na caixa de som e ficar só “você tem que participar do ato tal, uma manifestação, não sei o que...” A gente tem que envolver a galera de várias formas! Uma delas foi esse exato almoço que era muito bom, que a galera além de ir ali, almoçava, registrava a demanda, também conversava nesse momento que estava ali atirado na grama com os pratinhos de plástico, conversava ali também sabiam quando ia ser a próxima articulação, entendeu? Então era um espaço que a gente criou, um espaço de convivência entre os estudantes a partir de uma ação dessas, de uma mobilização. Mas a gente passava em salas de aula, tentava ser criativos! Com isso, com a disposição, de que isso também desgastava muito a gente, porque tínhamos que passar o dia inteiro na ESEF, passando em sala. A gente tinha um mecanismo que era muito importante também que dentro de festas, mas não era festa que a gente fazia no galpão para muita gente, eram os luaus que a gente fazia. No luau a gente conseguia tocar a pauta da política, tanto que um dos luaus que a gente fez, o luau temático contra o convênio da Aracruz com a UFRGS, a gente tapou de material, entregou panfletos no dia, então também era um espaço que a gente utilizava pra acumular forças sobre essa questão do RU. Para além disso, tinha que organizar a Semana Acadêmica, que também perpassava essa pauta. No final a gente fazia

uma assembléia geral, o que a gente devia tocar no próximo período e os grupos de estudos, que acho que muito mais para formação de quem estava no DA e que não tem relação direta com os estudantes. Mas a gente mostrava nas nossas intervenções, mesmo que seja uma passagem em sala de aula, é que a gente entendia que estavam falando a gente estudava constantemente, às vezes duas vezes no semestre as 3 bandeiras da luta da Executiva: regulamentação da profissão, reforma universitária e diretrizes curriculares. Fazíamos muitos grupos para o socialismo e dentro dessa segunda bandeira, reforma universitária, discutia especificamente a assistência estudantil, acumulava isso para depois chegar nos estudantes e saber o que dizer e argumentar para mover aqueles que ainda estavam em cima do muro. Então dando essa volta grande assim acho muitos limites que são colocados, mas a gente consegue ter articulação e criar uma forma de chegar nos estudantes para quebrar um pouco dessa inércia.

C.J.- Como era na prática a relação entre o Diretório Acadêmico, os estudantes e a campanha?

S.N. - Algumas coisas já apareceram mas a gente pode pensar em pelo menos alguns patamares de discussão. Tenho certeza que os estudantes da ESEF por conta... Se pensar assim ou jogando de novo naquela coisa que a gente ganhou o DA de 2004... Se não tivesse um DA articulado dentro da ESEF não sairia a campanha pelo RU na ESEF... A galera fala que é uma coisa que está caindo de maduro, é uma demanda que atinge diretamente no bolso, sabe? [TRECHO INAUDIVEL].

Eu acho que esse ato de 13 de setembro, que a gente desce com chuva na Reitoria para fazer um ato e a galera pilhada, gente vindo de tudo que é lugar, a galera que a gente passou e pegou na ESEF, estudantes da Educação Física que estavam na Faculdade de Educação desceram para participar do ato! E nisso também se criou dentro dos estudantes uma identidade... Bom, somos estudantes da ESEF e temos uma pauta concreta e pode qualquer um daqui que vier, a gente vai com a camiseta do RU... Então conseguir criar esse movimento entre os estudantes, a ponto de se articular uma banda da ESEF, que a galera chamava da Banda Louca da ESEF, que era quem ficava agitando os atos, os caras ficavam criando muita palavra de ordem e não precisava a gente ficar, parar na dureza e criar palavra de ordem que tivesse coerência com o que estávamos defendendo não sei o que... A gente se sentava e conversava um pouco com os caras - na real eles já sabiam qual era a

nossa proposta ali e que a gente ai disputar com a Reitoria - e a galera tocava e tentavam falar palavras de ordem que fazia todo mundo cantar da ESEF e fora da ESEF eles iam para casa pensando na música. A gente conseguiu criar também essa cultura de luta dentro dos estudantes, que mesmo que não se identificassem com todas as nossas propostas, como essa e com a forma de se organizar, vinham junto assim mesmo. E aí, em relação a ir pra fora, que é a pauta, nesse mês de setembro que a gente consegue a assinatura do Reitor<sup>27</sup>! De certa forma, teve a consciência de que ele estava recebendo a nossa reivindicação, está consciente dos problemas que a gente tinha lá. Também nisso a gente conseguiu se mexer muito bem, que foi pegar a carta que ele tinha assinado, fazer uma cópia ampliada em A3 e sair colando pela universidade e para fazer isso é preciso estrutura; é ter gente que se disponha a botar um cartaz debaixo do braço e viajar uma hora até o Campus do Vale e ficar lá mais duas ou três horas colando cartaz e voltar, entendeu? Então, por isso que eu digo, não teria como acontecer espontaneamente... Já tiveram levantes em relação ao RU mas eles nunca foram tocados tão adiante porque não se tinha uma direção política consolidada e informação. E de alguma forma Fred, sei que estás estendendo mas deixa eu só tentar me organizar aqui. Talvez isso esteja diretamente vinculado com a Executiva, mas agora não estou conseguindo fazer a relação, depois eu anoto aqui uma coisa que temos que tentar falar.

C.J.- Qual o impacto que teve o ato do dia 13 de setembro de 2006?

S.N. - Aquele ato foi demais, porque a gente teve uma prova que seria possível, realmente possível, ter um Restaurante Universitário na ESEF, porque colocou cerca de 400 estudantes. Sabe que é isso: a galera não estava nem um pouco afim e foi um esforço nosso de estar passando em sala, de estar pegando quase a galera pela mão distribuidamente, ficar na FACED<sup>28</sup> pegando gente, no Campus do Vale, então, ali a gente botou à prova a nossa organização, quais militantes a gente tinha e quais a gente podia contar e, de uma forma, viu que a gente tinha perna para fazer, para a dimensão que a gente queria para essa campanha. Eu acho que para todos os estudantes da UFRGS ter uma notícia na Zero Hora e no Correio do Povo<sup>29</sup> e uma lá no site da UFRGS dizendo que os estudantes pararam as atividades que o Reitor estava fazendo e que tiveram que ser recebidos e que a pauta deles

<sup>27</sup> José Carlos Ferraz Hennemann, Reitor entre 2004 a 2008.

<sup>28</sup> Faculdade de Educação da UFRGS

<sup>29</sup> Os principais jornais diários do Rio Grande do Sul

é legítima... Sair nos meios de comunicação e a gente poder sair dizendo isso, sabe? E mais, com uma carta assinada pelo Reitor, depois de muita pressão porque no primeiro momento ele queria nos enrolar, fazer uma reunião outro dia e dava a mesma desculpa que para gente sempre era dada de que não tem demanda. A gente chegou com os pés na porta, já chegou para apontar onde eles estavam falhando e conseguir com a pressão que eles reconhecerem que estavam falhando, entendeu? E isso foi um peso muito grande num período que as coisas estavam muito paradas. Então, para além do saldo para ESEF, para a Executiva e para a campanha do RU na ESEF, acho que foi um saldo para a UFRGS inteira, que foi em 2006. Foi uma preparação para o que veio no ano seguinte que a gente conseguiu aglutinar muita gente de outros cursos e ter coesão para uma chapa de DCE. Consegui ganhar sem ter muitos problemas como oposição pois se tinha como todas as disputas que o DCE tem, mas se tinha uma coesão em torno da ação e, muitas vezes se deixava de lado algumas disputas entre grupos de esquerda para se tocar uma coisa mais ampla. Não que a gestão depois de ganhar essa eleição não teve mil maravilhas, de fato não foi, mas conseguiu dar um fôlego para o movimento estudantil que a UFRGS já não tinha há um bom tempo. De estudantes de outros cursos se identificarem também na mesma história, que eu dizia antes, de que olhando para a camiseta do RU não se identificavam diretamente: “Bom, vou comer nesse RU”, mas sabiam que o problema que estava acontecendo no curso deles - falta de professor, falta de sala de aula, prédio caindo aos pedaços - tem uma solução que não é só a gente ficar reclamando sozinho, entendeu? Ou ficar dando um jeitinho para resolver o problema sem expor o problema. Acho que o 13 de setembro serviu muito para isso, para a gente expor o problema e a medir o quanto de força a gente tinha. E nessa exposição do problema eu acho que... Tenho outra coisa que era importante de dizer e que tem a ver com conseguir mexer com outros cursos assim. E de certa forma, o ânimo da juventude que estava na universidade... E eu acho que é isso. Dessa leva do 13 de setembro tem vários DA's que começam a ter uma organização muito melhor e a ter gente despontando, estudando, se projetando a ser dirigente de um movimento estudantil de DA ou mesmo para o DCE, então, a própria militância dentro da UFRGS passa a ter um caráter mais de que os enfrentamentos são levados até as últimas conseqüências. Dessa forma - lembrei o que queria dizer - é a gente se colocando para tocar a campanha até as últimas conseqüências e os estudantes da UFRGS como um todo vendo que ao chegar nas últimas conseqüências e a gente conseguir ter avanços que até então era aquilo: “o movimento estudantil é baderneiro, os caras querem ir para rua ficar

gritando, vão ocupar prédios, vão fazer a bagunça que for”... Assim a gente consegue também colocar a prova e legitimar perante os estudantes - no mínimo aos estudantes da UFRGS - e acho que também à sociedade como um todo que o método que a gente utiliza de organização, de mobilização e que depois vai ser colocado também como forma de luta a ocupação da Reitoria, é única solução, única saída, a única forma de organização que a gente tem, não sei se dá para entender? Porque é isso: muito se dizia “o movimento estudantil vai criar vida cultural para os estudantes”. Em tese é beleza! Agora quando tu vais com algum interesse do coletivo em qualquer curso da universidade de um coletivo que tu faz parte levar essa demanda para uma reunião de Conselho de Unidade, para Departamento tu te depara com a estrutura do poder da universidade que é totalmente antidemocrática, que parece ainda como se fosse a Idade Média. Os professores têm 70% no peso da votação, os técnicos administrativos, os servidores da universidade, têm 15%, como se eles que passaram anos e anos na universidade, não tivessem direito de opinar qual o rumo que essa universidade vai ter e a estudantada que também tem 15% e que chegando mesmo que conseguindo se articular com os servidores terão, no máximo 30 %. Então isso nunca, na conversa, no diálogo, vai fazer a gente ganhar alguma coisa se a Reitoria não tiver de acordo, entendeu? Então nos resta a única forma: o método que a gente segue utilizando é a ação direta, vamos dizer, é a gente por última conseqüência, ocupar. A gente fazia ato público para parar a Reitoria e fazer os estudantes descer da sala de aula e faltar aula porque também era uma coisa que era “em vez de vocês ficarem fazendo ato aqui vocês deviam estar em aula agora...” Eu lembro que durante um desses atos, acho que foi o de abril de 2007, com estudantes secundaristas, nos deu uma sacada muito boa... Os secundaristas estavam juntos de que também... “Cara eu estou aqui faltando aula por um dia para que não falte educação pública para os meus filhos e os meus netos no futuro.” Então, cara, isso para mim sintetiza muito qual o alcance, qual a necessidade de ter uma organização desse tipo, de ter intervenção...Tipo: se tiver que ocupar, ocupar mesmo! Se tiver que parar, trancar o portão da Reitoria, a gente sempre ouviu umas histórias sobre isso que a galera botava Super Bonder e Durepox nas fechaduras dos portões da universidade para ninguém conseguir entrar. Então, eu acho que para a gente ser ouvido, mesmo que com o verniz de democracia que a gente vive hoje de que tudo mundo é livre para fazer o que quiser e andar por onde quiser, a gente vive numa democracia restrita, uma democracia que até o Saramago<sup>30</sup> utiliza a expressão “uma

---

<sup>30</sup> Referência ao escritor José Saramago.



democracia de pés e mãos atadas”, que não se pode fazer nada que contraponha a ordem que está estabelecida, que tem uma lógica de funcionamento... Eu sei que a pergunta era lá sobre o dia 13 de setembro e acho que esse saldo fica... De achar o método de luta, um método de ação que o movimento estudantil tinha, que até então, ficava assim tudo, e mesmo para nossas famílias! “Como assim? Foi para um ato público ocupar a Reitoria” sabe? E para todos os estudantes que tem esse vínculo familiar isso é um problema, em algum momento na sua militância, mas isso está comprovando que só assim que a gente consegue ter algum avanço, alguma vitória.

C.J. - Como foi a reação da Reitoria frente a essas ações do movimento estudantil?

S.N. - Nessa ocupação eles não quiseram receber a gente, Nessa ação de 13 de setembro. Depois, desceu o Reitor, o Hennemann, desceu o Vice-Reitor, o Pedro Fonseca<sup>31</sup> e os caras foram tentar apaziguar os ânimos, só que a gente já estava ligado que a linha deles ia ser essa e fincamos o pé dizendo: “nós não vamos sair daqui!” Isso já no 13 de setembro... Nós não vamos sair daqui enquanto não tiver um compromisso de vocês de que estão sabendo o que está acontecendo na ESEF e que vão tentar se mexer por alguma coisa. Então a Reitoria de alguma forma tentava abafar o caso, botar panos quentes sobre o problema e seguiu fazendo isso e aí vamos pegar uma questão da articulação política... A Reitoria também era articulada com o Diretor da nossa escola, que é o Ricardo Petersen<sup>32</sup>, de que ele tinha que dar um jeito. Isso nós ficamos sabendo nas internas, de que o Reitor se articulou com o Diretor da nossa escola para que ele conseguisse de parar essa gurizada que estava se mexendo. Então o Diretor foi pressionado também para ele dar um jeito na mobilização que a ESEF vinha tendo. Depois disso, essa pergunta vamos passar meio batido que é a questão de que depois de ter elementos suficientes de que os alunos não conseguiram segurar a gente, a Reitoria, durante a ocupação... O primeiro argumento deles de que não tinha demanda a gente rebateu comprovando a demanda, pessoa por pessoa, quantos precisam almoçar na ESEF... Então é importante e eles tentaram colar a construção do Restaurante Universitário na ESEF à proposta de campanha, como que se já tivesse no prevista planejamento da gestão deles a construção do RU na ESEF. Eles tentaram também

---

<sup>31</sup> Pedro Cezar Dutra Fonseca, Vice-Reitor entre 2004 e 2008

<sup>32</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen, diretor da ESEF nos anos 1992-1996, 2000-2004 e 2004-2008.

manobrar tanto os estudantes quanto a opinião pública, do professor e da sociedade como um todo, dizendo que já estava prevista a construção do RU. Eu acho, por dois aspectos: um, querendo capitalizar para eles que a Reitoria de que essa é a gestão que fez o Restaurante Universitário na ESEF, lá o nome do Hennemann e tudo mais; por outro lado, tentar deslegitimar o mérito de nossa ação, para dizer “não foi a equação, não foi a manifestação dessa gurizada que fez isso. A campanha do RU na ESEF já tava prevista, então, não foi a pressão dessa estudantada aí que conseguiu, que pediu aos professores... Quero ressaltar que nós tínhamos alguns apoios, mas que não foi isso que garantiu que o Restaurante Universitário na ESEF fosse construído. Então três movimentos pelo menos: da Reitoria a gente pode caracterizar isso, a negação da pauta por demanda; articulação para tentar impedir que a gente se organizasse mais com a direção da Escola de Educação Física e depois com objetivo de colar na gestão deles, no planejamento de eleição deles, que já tinha essa proposta de construir o RU para deslegitimar a nossa mobilização.

C.J. - Tu falou que alguns professores apoiavam, como os professores apoiavam a campanha?

S.N. - Olha, eu consigo me lembrar muito de um de caso específico, que é do professor Mario Brauner<sup>33</sup>, da ESEF, não quero dizer assim: “oh como o cara foi protagonista nisso na história.” Mas ele sempre deu apoio no sentido de pensar com a gente, qual eram os passos que a gente devia dar, o que, para que lado ir, qual direção a gente conseguisse, sabe? É isso, nós entramos na universidade estávamos ali alguns anos, mas o cara tem uma leitura de 20 ou 30 anos de universidade, tinha contato com os professores que estavam ali, então, ele sabia também fazer uma leitura política da ESEF e também da Reitoria. Assim, de uma forma que não é aquela protagonista, mas ele dava algumas indicações para nós. Fora isso, outros professores demonstram apoio para a gente de forma velada, não se posicionavam a favor... Então na ESEF tinha, sei lá, acho que o Molina<sup>34</sup> era um que dizia: “não, gurizada é isso ai vocês estão fazendo é uma coisa que é importante”, mas nunca chegava a pautar com a gente. Depois disso, professores de outras unidades que apareciam e dos servidores se tinha muito respaldo. A direção da ASSUFRGS apoiava todos os nossos atos e emprestava o carro de som. A gente tem um limite, que é conseguir os

---

<sup>33</sup> Mário Generosi Brauner.

<sup>34</sup> Vicente Molina Neto.

professores pontualmente, porque os professores na UFRGS que dirigem a ADUFRGS<sup>35</sup> hoje, é uma galera que é muito vinculada ao PT, que é pelega... A gente não tinha apoio da ADUFRGS, por exemplo, sempre batia lá e não rolava, então, buscava apoio para os professores de forma fragmentada, mas a ASSUFRGS<sup>36</sup> era um peso muito importante para nós. A ASSUFRGS emprestava carro de som, nos ajudava a fazer panfletos, botava a direção deles a fazer fala dos nossos atos, também como forma de apoio a nossa luta; alguns professores também vinham nessa enquanto entidade, então, acho que é de forma mais geral, seria isso. Mas, financeiramente, essas coisas a gente se virava muito bem. Tinha um DCE que fazia carteirinhas escolares e de cada tinha uma porcentagem que ganhava em cima, depois a UMESPA<sup>37</sup> também girava muito e sempre botava os preços mais caros para fazer carteirinhas, então, de alguma forma a gente tinha um suporte também estrutural e financeiro, desde rodar material e fazer as camisetas como eu já tinha comentando antes. E o DA também tinha uma dinâmica de conseguir grana, tanto que conseguia mandar ônibus, ajudar com os ônibus que iam para os encontros e também nas campanhas que a gente fazia.

C.J. - Como que iniciou o ano de 2007 para o movimento estudantil, com os atos da jornada nacional de lutas?

S.N. - Acho que é importante a gente registrar a criação da Frente Nacional de Luta contra a Reforma Universitária que foi no dia 21 de dezembro de 2006, e isso de certa forma, deu também o tom de como seria o ano para a UFRGS, porque lá no DCE em que as forças se compõem, o DCE que era o PSOL, PSTU<sup>38</sup> independentes... Acho que tinha gente da consulta popular, então, todas essas forças, ou quase todas elas, estão compondo essa organização da Frente Nacional de Luta contra as Reformas Universitárias, que é lançada lá em 2006... 13 executivas de cursos compõem essa frente e mais 20 DCE's viam no período que olhei ali, mas que deve ter tido documento assinado por mais gente, então, uma conjuntura a nível nacional que era outra. Já vamos pegar o que estava acontecendo também... 2003 o Lula se elege, tem um mandato de 4 anos que vai fechar em 2006. De

---

<sup>35</sup> Associação de Docentes da UFRGS

<sup>36</sup> Associação dos Servidores da UFRGS

<sup>37</sup> União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre

<sup>38</sup> Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

2006 para 2007 se tem outro processo eleitoral, nova articulação dessas forças entorno de todos os âmbitos, sindical, estudantil, movimentos sociais, de estar fazendo essa composição, então, é uma conjuntura diferenciada e todas as propostas que o governo vinha fazendo de Reforma Universitária, que tinha feito no início do seu mandato, ele fragmenta em medidas provisórias. Então, se criou medida provisória para passar a legislação tecnológica, para passar o REUNI<sup>39</sup>... O REUNI ainda não, mas o PROUNI<sup>40</sup>, o Sistema Nacional de Avaliação, as parcerias com empresas privadas. Nesses 4 primeiros anos do governo Lula, ele conseguiu promover muitos ataques à universidade pública e sempre com o braço fiel da UNE<sup>41</sup>, que nunca se mobilizava para nada contrário ao que estava acontecendo. Os DCE's e Executivas organizavam a Frente, tiveram protagonismo de fazer essa oposição, tendo em vista o imobilismo da UNE, dessa entidade que até então devia ser a representante dos estudantes nessa luta nacional. Como isso chega na UFRGS em 2007, primeiro, se tem aquele ato que a gente fez parte também, que foi o ato do dia 17 de abril de 2007, e ali, de certa forma, impulsionados por duas coisas que aconteceram no ano anterior em relação ao DCE, que foi o congresso e depois, as eleições para o DCE, que juntou toda essa galera que possam tocar essa pautas. A gente começa o ano já querendo estourar tudo, vamos por para fora e todos os atos que aconteciam em Porto Alegre a gente tentava não esquecer de alguma coisa e esse foi um que a gente foi até a Reitoria, foi até a FACED, fez um ato ali na rua, na frente da Reitoria, depois se agregou a esse ato que foi principalmente tocado pelos municipais com muita gente. Acho que foi um dos maiores atos que participei da minha vida, fora uma marcha que eu fui a Brasília, que foi em 2006, eu acho, ou 2007. Mas aí depois tem o outro elemento que é já um pouco mais para frente que é a questão da ocupação da Reitoria da USP que já foi em 3 de maio de 2007, que eles ocupam e ficam mais de um mês, não sei se foi 50 e poucos dias. Eles ficaram muito tempo ocupando a Reitoria e isso gera, no Brasil inteiro, mobilizações, que inicialmente são em solidariedade à ocupação da USP. A gente vai fazer uma ocupação de solidariedade mas, o corpo das ocupações não era só solidariedade. A ocupação da Reitoria da USP<sup>42</sup> era um monte de pautas que viam de demandas de estudantes, do dia-a-dia da realidade dos estudantes, então na UFRGS não foi diferente, até o processo que culminou com a ocupação da Reitoria da UFRGS. A gente com esse fervor que a ocupação da Reitoria da

---

<sup>39</sup> Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, programa do Governo Federal

<sup>40</sup> Programa Universidade para Todos, do Governo Federal

<sup>41</sup> União Nacional dos Estudantes

<sup>42</sup> Universidade de São Paulo

USP teve a nível nacional, vendo a galera tomar pau lá, os estudantes ficavam... De certa forma alterou a conjuntura que a gente tinha pois fazia com que os estudantes sentissem muito mais próximos de si a possibilidade de lutar por melhores condições de estudo, de bolsa, moradia, a assistência estudantil, permanência... Isso mudou a conjuntura e fez com que a gente tentasse capitalizar isso e a gente deu uns passos acertados, que foi de articular de novo os DA's. Vamos fazer articulações pela base pra conseguir culminar em um outro ato, acho que tiveram mais atos no meio do caminho, mas que se chega até o ato da ocupação, em que a princípio era um ato público, que a gente ia fazer. Bom, estamos chamando um ato, não lembro se era uma sexta-feira... Foi sexta para sábado, agora não estou me lembrando... Foi de quinta para sexta, agora estou me lembrando... Mas, enfim, que a gente começou a discutir, começou a ver possibilidade de fazer uma ocupação da Reitoria só por causa dessa conjuntura da USP e vamos lá: vamos nos articular e, de novo, valeu a experiência que a gente adquiriu na Executiva! Vamos montar comissão de segurança, alimentação, saúde, comunicação, e nisso toma mega estrutura para conseguir tomar conta da ocupação e não se fechar em si mesmo... Primeiro garantir estrutura para a galera ficar lá, depois para que ela não se fechasse em si mesmo e a gente conseguir por para rua as notícias o tempo inteiro... Eu não sei se eu tenho um lance aqui nesse período também para falar...

C.J. - Sobre ocupação?

S.N. - Sobre ocupação.

C.J. - Então pode falar, porque a próxima pergunta seria sobre como foi a ocupação da Reitoria em 2007...

S.N. - Massa, massa!! Então vai nesse gancho de que muda a conjuntura em 2007, a gente tem grupos que estão trocando conseqüentemente o DCE, tem mais uma coisa aí que não posso me esquecer agora também... Então vamos dar uma parada Fred? Só para tomar uma água porque tá cansativo!

[INTERRUPÇÃO NA ENTREVISTA]

C.J. - Retomando a entrevista, como foi a ocupação da Reitoria em 2007? E se puder falar também de como foi a negociação com a administração central da Reitoria também?

S.N. - Tá bom, um pouco da administração, mas também dentro dos plenários estudantis... Acho que é um processo que é massa, primeiro: uma coisa que não aparece em lugar nenhum também, mas que a gente decidiu ocupar a Reitoria nesse embalo que vinha a ser a ocupação da Reitoria da USP, mas também em função de que, por conta da ocupação da Reitoria da USP, a UNE tirou um calendário de ocupação de Reitorias. Eles lançaram no site deles que em tal semana nós vamos ocupar as Reitorias e a gente sabia que do jeito que eu estava dizendo antes, que a nossa ocupação não foi só solidariedade, reivindicando a ocupação da USP. Se fosse a única ocupando, com certeza seria só em solidariedade à ocupação da USP, então, para a gente não podia ser isso e é aí que a gente começou a se armar. Vamos fazer e meio que a gente se colocou na parede... Se a gente não fizer, os outros vão fazer e vai ser uma grande “merda.” Desculpa a palavra! Já tinha a idéia de fazer, mas quando isso apareceu, a gente viu que ia ter que inclusive antecipar... Se a gente tem um plano de fazer ela mais adiante, e foi um processo muito rico de articulação com os outros cursos, precisava de gente para tudo, para poder garantir uma estrutura mínima lá que era desde fazer cartaz para dizer “oh a gente tá ocupando a Reitoria”, até gente para carregar botijão de Liquinho, panela, prato para a alimentação. A gente fazia lá também saco de comida, tudo que é coisa, gente para sair para fora, para no outro dia fazer rádio, poste, nos RU's, panfletagens nas salas de aula, entrar em sala de aula, explicar o que está acontecendo... O processo foi decidido em uma assembléia que a gente fez no primeiro dia, mas a gente já via grandes possibilidades de acontecer a ocupação. A gente estava muito bem articulado, não vou conseguir entrar sobre muitos detalhes sobre isso, acho que também precisa explorar com os outros, mas, depois desse dia que a gente ia ocupar, realmente aí foi... Todo mundo feliz da vida que estava ocupando, mas ao mesmo tempo com aquele receio de que, a qualquer momento, os caras podiam entrar aqui e correr a gente à pau, à porrada... Pensando na ESEF, a gente constantemente tinha que sentar com outro, com a gurizada que tinha ido lá no fervor e explicar “vim aqui para ocupar e o sentimento que nós temos aqui não é medo, entendeu? A gente sabia que estava ali por uma coisa que era importante, mas a gente tinha que estar preparando se acontecer uma coisa... Fazia esse essa ressalva porque a Reitoria já tinha, em episódios anteriores, demonstrado que estava disposta a bater nos estudantes, se fosse necessário. A gente fez

um ato e agora estou tentando me lembrar se foi esse mesmo do 13 de setembro que, quando a gente foi entrar na Reitoria, tomou gravataço, soco, empurrão, chutes por baixo... O mesmo que depois se repete com outro Reitor no Parque Tecnológico aprovado na UFRGS, também abaixo de pau... Também esse não é o fato mais importante ressaltar; acho o que é mais importante de ser ressaltado é como compunha essa ocupação e como a gente conseguia ter diálogo entre as forças que estão compondo a ocupação para que ela ocorresse tudo bem... Se existia diálogo entre a gente e os que ali dentro também não estavam muitos dispostos a sentar e discutir as pautas que a gente tinha, então, como a pauta tinha em diversos cursos, eu listei algumas coisas como a solidariedade à USP, o Restaurante Universitário na ESEF... Espaços estudantis, estavam tentando tirar os espaços de organização estudantil, os DA's, a ampliação do RU do Centro e do Vale, abertura do RU Saúde à noite, ações firmativas que, nesse período, foram bem importantes, a questão de concursos públicos do Instituto de Artes, que era um prédio que necessita de reforma há muito tempo, o desconto e isenção no vestibular e a questão da creche para as estudantes mães. Eu faço questão de listar todos esses pontos de pauta que a gente tinha para mostrar a amplitude que foi a ocupação de estudantes de diversos cursos, os que eram afetados diretamente com os problemas e muitos que não eram e que apareciam, porque estavam se identificando com as ações que a gente estava fazendo e vinham e se articulavam para tocar junto.

Retomando que a questão das forças, a gente consegue manter sempre um diálogo muito bom, bom, nós entramos aqui com um objetivo que é o de arrancar um compromisso da Reitoria sobre tal e tal pauta, no mínimo, sobre as outras a gente vai avaliando que talvez não tenha uma resposta imediata, é isso, sabe? Então, quando foi para sentar com a Reitoria, primeira coisa: verbalmente se assume o compromisso, mas não vão negociar com a Reitoria ocupada daí quando firmamos o pé que íamos continuar mantendo a Reitoria ocupada, a gente também já negociou que ia e que ninguém ia entrar na Reitoria para trabalhar no dia seguinte e que as portas ficariam com a gente e a gente ia decidir quem sai e quem entra na Reitoria... Isso para eles também foi uma grande afronta. Eles concordaram, acho que um pouco nesse sentido, de evitar um atrito maior, que viram que ia ser, já estavam vendo que seria grande nisso... Eles chegavam na porta, a gente explicava o que estava acontecendo, diziam que queriam, mas a gente não deixava... A maioria dos servidores era bem recebida pelos servidores que estavam trabalhando. Em relação às disputas nas plenárias do movimento estudantil, a gente teve também um grupo

que caracterizamos próximos aos anarquistas. Os caras achavam que... Primeiro, eles não participaram da construção da história toda e aí, um dia, eles chegaram com umas dez pessoas e queriam que a gente ficasse na Reitoria até mudar o mundo dali, como se a gente conseguisse grandes modificações em qualquer lugar, menos na estrutura da universidade. Coisa que a gente, lendo a realidade e tendo os embates que vinha tendo há algum tempo, a gente via que não era possível, mas a gente tinha uns pontos a garantir e aí o tempo inteiro articulando com as pessoas que estavam diretamente vinculadas a esses pontos. Então sempre tinha grandes dirigentes ali, de mais lideranças estudantis, das artes, da comunicação, acho que enfermagem, história, tinha uma galera que a gente conseguia articular bem, e no dia seguinte, na manhã seguinte, a Reitoria chamou os estudantes, uma comissão de estudantes que tinha sido tirada em assembléia... Não era nada da cabeça de ninguém, era uma discussão em assembléia. Fizeram uma comissão para negociar, e esses estudantes peitaram a Reitoria e “vamos ver aqui o que vai e o que não vai na pauta”. E aí a Reitoria começou a redigir isso E depois de horas - até depois o Alemão pode entrar mais em detalhes, ele é um dos caras que estava na comissão – e eles tentaram ganhar no cansaço, sei lá entraram 8 ou 9 horas da manhã, não trabalharam até meio dia, uma da tarde, nesse meio tempo eles saíam, comiam e voltavam e a galera na securo com fome e com sede, e foi até sei lá, no início da tarde, meio da tarde sem sentar para negociar... Depois quando eles negociaram, eles quiseram alterar um documento, dizer que essa questão específica do RU... Nos comprometemos com a construção do Restaurante Universitário conforme previsto no nosso planejamento, no nosso plano de gestão, então, mesmo nesse cansaço, os caras tentaram dar o golpe e a gurizada se ligou na hora e disse não. Não mesmo! Se vai ser assim, se vai ser assado, com esse documento a gente vai sair daqui, vai lá avisar e dar essa informação, dar essa notícia para os estudantes que estão aqui e com vocês querem conduzir esse processo de discussão. Aí eles: “não, não é bem assim” e já recuaram. Acho que desse processo se tem pensando, nas pautas, um grande compromisso em reformar o velho Instituto de Artes, compromisso de abrir concurso público, de certa forma não remete para a universidade, remete ao Governo Federal, é ele que distribui as vagas. A possibilidade dos estudantes terem a possibilidade da creche para as mães na UFRGS. Uma das coisas fundamentais foi à inserção e a redução de 50% da taxa de inscrição do vestibular, aquela conquista de 2007, a galera, às vezes, não sabe que para se inscrever no vestibular tem desconto, mas tu sabe que a história é recente e aconteceu ali em 2007, com uma ocupação. Algumas coisas das ações afirmativas serão



tocadas mais adiante e o que não dá para a gente o compromisso com os espaços estudantis. A Reitoria não se posiciona a respeito disso sobre a reforma universitária, não se posiciona ao contrário e nem nada, uma coisa que também a gente exigiu, que não acontecesse, mas algo que diz mais respeito a gente, é a conquista do Restaurante Universitário na ESEF, que eles mesmo já previam para começar a construção em julho, se não me engano, do mesmo ano. Então a ocupação foi em junho e eles já dizendo que iam abrir o processo de licitação logo em seguida, e com isso também garantir a ampliação de RU e outras pautas que vinham junto, então acho que em uma tentativa de síntese, era isso.

C.J. - A Zero Hora de 6 de junho de 2007 traz as pautas da ocupação da Reitoria e caracteriza elas como uma “pobreza de objetivos do movimento estudantil”, o que tu acha dessa afirmação?

S.N. - Primeiro, acho que é uma coisa que eu já há muito tempo entendi assim, de que os veículos de comunicação que estão na mão da Rede Globo, do grupo RBS, que vai respingar na Zero Hora também eles tem uma identificação bem clara de classe, eles estão do lado de quem é o dono do poder, de quem, da classe dominante que se movimenta no sentido de garantir a manutenção do poder, que é a classe burguesa. Muitos têm atrelamento com essa rede toda, então, a gente consegue olhar para essa notícia. Só que, além disso, acho que vem muito no sentido daquilo que é tentando dialogar com o senso comum de que a época que se tinha motivo para a gente se organizar, se movimentar por alguma coisa já tinha passado, que era o tempo da ditadura militar, como se só naquele tempo se tivesse uma justificativa grande ir para rua, mesmo que num período que a Rede Globo tenha apoiado a ditadura, ter sido grande durante o período da ditadura, mas expressa muito essa visão de mundo, que é a que o individualismo vai dar certo, que as reivindicações que a gente estava fazendo lá não passavam, de certa forma, de uma reivindicação de uma galera da elite da sociedade que queria ter mais benefícios... Porque mesmo para quem está de fora da universidade, às vezes, não consegue entender, que pagar R\$1,30 para almoçar não é um benefício, não é uma ajuda, no sentido de ser uma coisa - vamos pensar no outro termo - um favor que ta sendo feito. Não é um favor que a gente está recebendo, é um mínimo de condição para que os estudantes consigam entrar na universidade, se manter ali dentro com qualidade, estudar e sair. Para quem olhar essa notícia hoje em dia, não sabe que até a década de 80, aqui na UFRGS eu não sei, mas em

Pelotas eu sei que na década de 80 a alimentação para os estudantes universitários era de graça. A gente hoje pagando R\$1,30 acha que tem uma boa vantagem almoçar por R\$1,30, mas a gente está numa conjuntura de perda de direitos. Eu acho que esse elemento, se a gente pegar reto o quanto vem subindo e quando já se tentou aumentar o preço no Restaurante Universitário na UFRGS, por exemplo, ver que a gente está perdendo direito nada mais coerente do que a voz da burguesia pressionar dessa forma, dizer que o que estamos fazendo ali, de novo, é só mais um ato de baderna. E o termo agora não lembro, mas é no sentido de desqualificar e, de novo, de deslegitimar o método de luta que a gente tem. Para eles também, de certa forma, é uma ameaça.

C.J. - Depois da ocupação, até a inauguração do RU, houve diversos prazos que não foram cumpridos. Como foi a reação do Diretório Acadêmico a esses prazos não cumpridos?

S.N. - Acho que os primeiros eram em relação ao lançamento da licitação e do período de 2008 até a metade de 2008, eu estive bem afastado, muito em função de problema de família e tal, mas até o que consigo me lembrar, também no final de 2007, é que a gente já se armava “bom os caras não vão fazer nada”, entendeu? Os caras só prometeram para nós, para retirar a gente da reitoria e agora, de novo, vão descumprir a palavra deles. Bom, que tipo de ação a gente consegue articular de novo para conseguir botar essas caras na parede? E a gente tinha força para isso, a gente tinha de novo um DCE que se articulava, respirando com muito mais força das pessoas que a gente chamava de independentes, depois acabou sendo chamado de “não alinhados” aos grupos políticos que compõem o DCE... Eu não consigo ter muitas recordações agora dessa questão, se a gente chegou à viabilização mesmo. Eu lembro que nosso diretório era cobrado nessa época também. A gente dizia pra ele: “tu vem aqui defender a Reitoria e dizer bom agora eles estão fazendo, mas agora o compromisso que eles assumiram de que a gente tem que parar isso e tal, o compromisso que eles assumiram não estão cumprindo”... Mas ficar falando disso só vou ficar enrolando, porque eu não lembro mesmo.

C.J. - Como tu vê o impacto do resultado da campanha nos estudantes da ESEF e na comunidade Esefiana como um todo?

S.N. - Para os estudantes da ESEF, acho que teve uma mistura de impactos... Aqueles que botaram alguma ficha de que “é uma possibilidade, pode ser que isso aconteça, a construção do RU”... Para essa galera foi a confirmação, a certeza, de que é só assim mesmo que vamos conseguir alguma coisa, então, como saldo para essas pessoas que se colocaram e se dispuseram a se envolver nesse processo todo, acho que é um saldo muito positivo, de uma forma até de alimentar a esperança de que a gente pode ter uma coisa melhor pela frente, um futuro melhor pra humanidade, a partir de um pequeno exemplo, que foi a conquista de um Restaurante Universitário na ESEF... Vendo que a gente consegue ter forças, as coisas não estão tão perdidas como a gente tinha achado, então, eu acho que o tom de esperança para quem participou, para além de formação de muitos estudantes que se engajaram e se colocaram a ser militantes do DA se organizando politicamente...Acho que também é outro saldo importante de colocar, tu só perguntou da ESEF? Pensando em relação à ESEF, mas também em outros coletivos, em outros DA's também, para o DCE, o saldo de formar militância a partir dos embates, também a gente consegue avaliar. Para outra parte dos estudantes, eu acho que fica, de certa forma, - não é nenhum puxão de orelha, mas é um tipo de sentimento - de que os caras não acreditavam e agora só estavam assistindo a comemoração de quem tinha conquistado o restaurante universitário na ESEF! Eles não botaram fé, não abriram mão de uma ou outra coisa que podiam, na época, abrir para uma grande maioria com certeza não conseguiriam também, mas a grande maioria, que não participava, não se envolveu, é porque foi levado por um discurso simplista, superficial, aparente do que foi a Direção e os professores da ESEF mesmo, mesmo na mídia que vai jogar para vários âmbitos. Acho que fica esse sentimento de que agora só estou assistindo e vendo essa galera comemorar uma vitória que estamos vivendo e que agora vai estar registrado aqui na ESEF. Como saldo, pensando aqui, fica um saldo de mais uma estrutura, de um Restaurante Universitário que é uma construção concreta, mas também de um saldo de possibilidades, onde as pessoas vêem possibilidades de as coisas mudarem. Acho que isso fica bem expresso naquela placa que está gravada dentro do Restaurante Universitário da ESEF, que aponta qual foi o tamanho do processo de luta. Não tem com demonstrar todo o nosso engajamento, do nosso processo ali. Acho que a tua monografia vai conseguir fazer isso, mas ali também se coloca que a gente tem que ter essa esperança e ir atrás do nosso sonho, daquela frase do Lênin de que “acredite nos seus sonhos”! Acho que isso fica bem forte, falando nos estudantes hoje em dia, e é um dos poucos Restaurantes Universitário em que vi isso acontecer, os professores da ESEF

também almoçam no RU da ESEF e os técnicos administrativos também almoçam no RU da ESEF, e, para eles também, de alguma forma, querendo ou não, concordando ou não com tudo, mexe com esse que era contrário e falava do elefante branco e hoje em dia está lá almoçando no RU da ESEF...

C.J. - Qual acúmulo ficou, para o Diretório Acadêmico, de toda a campanha?

S.N. - Eu acho que se conseguiu um amadurecimento muito grande dos estudantes que estavam militando no Diretório Acadêmico. Acho que isso é um ponto que vê a campanha como um ponto culminante do DA... A gente conseguiu colocar outra imagem, de como pode ser um Diretório Acadêmico, do que a gente falava lá em 2002, 2003, que o Diretório era só motivo de chacota em eventos, que os estudantes da UFRGS participavam do encontro regional ou nacional... Normalmente a escola que era sede já esperava a delegação da UFRGS com um receio de que “esses caras vieram para fazer merda, vão passar só bebendo, passar só agitando aqui e não vão participar de nada”, entendeu?. Então, pensando numa coisa meio rápida, dentro da ESEF, tem essa questão da credibilidade fora da ESEF, em espaços do movimento estudantil, do DCE, da Executiva, se consegue reafirmar a partir das lutas que o Diretório está vivo. Eu acho que outro saldo muito importante é o amadurecimento da militância do DA, porque a gente consegue atingir de uma dimensão que foi a nível nacional pela Executiva, mas que dentro do DCE também, de colocar a gente na coordenação geral do DCE. Eu fiz parte da coordenação geral do DCE de 2006 para 2007 e isso não é qualquer coisa. A gente conseguiu importantes acúmulos, grande acúmulos a gente teve contato com o movimento estudantil geral sendo as pautas da Educação Física oxigenadas pelas pautas mais amplas da universidade. Nunca a luta pelo RU foi só uma luta pelo RU. A gente sempre tinha uma discussão de assistência estudantil que apontava mais de fundo ainda para uma questão de reforma universitária e a que universidade a gente quer. E tudo isso o DA conseguiu acumular nesse processo de estar articulando com outros cursos e de estar articulado com o DCE e é isso... Não tem como dizer que o acúmulo fica para DA ou é o DA que promove o acúmulo porque eu vejo que tem um papel importante das direções políticas ali dentro. Que, se a gente não tivesse adotado esse modelo de ter uma gestão coesa, que fizesse formação entre si, muito estudo... A gente estudava muito para entender melhor a realidade que e ia depois criticar, para não ficar só naquele negócio, falando mal aos quatro ventos,

sem ter um fundamento... A gente buscava um fundamento, a gente se dispôs a tocar isso e muitos colegas nossos desse período abriram mão de emprego, abriram mão de muitas relações familiares, de amigos, coisas assim para estar militando. Fica também esse saldo: de que precisa de uma organização política bem coesa e bem sólida para se conseguir tocar um processo como esse... Então essa é uma marca que fica: uma concepção de movimento, uma concepção de DA, para que serve e com as pessoas se formam. Não vai ser só sentando em cima dos livros, no sentido de decorar os livros todos, que a gente vai, a partir disso, dar uma luz melhor para o que queremos mudar na realidade. A gente tem que estar na interação com a prática e teoria, uma nova prática e uma teoria que depois vai virar uma síntese para uma outra prática nossa e esse movimento que faz a gente chegar até aí, buscando sempre referenciais para a gente seguir, desde organização que podemos listar, as teorias mais políticas do Lênin, do Che Guevara... Acho que esse referencial é importante olhar, querendo ou não, é um acúmulo que a humanidade teve. Os processos revolucionários, depois da Revolução Francesa, foram todos eles de caráter socialistas para além desses de agora que estão acontecendo, mais com caráter de ampliação da democracia. Esse acúmulo de organização, de como se inserir realmente na base, como fazer um trabalho e fazer essas pessoas também enxergarem de certa forma que tu está enxergando, não de um processo de “ah vou lá levar a consciência para ele”. É entendendo que tu vais, a partir de algumas problematizações do que é o imediato na realidade da estudantada, vai trabalhando com elementos informativos que vão apontar para os estudantes também conseguirem entender, primeiro, que é um problema e tem mais gente vendo que é um problema, e ver o que fazer com ele, então todo esse acúmulo que o DA desenvolveu e conseguiu ter e consegue garantir que ainda hoje, me parece, mesmo que hoje por outras pautas, outras conjunturas e configurações internas do DA, ele ainda carrega essas bandeiras e princípios organizativos, que a gente foi, muitas vezes, no facão, porque a gente não tinha instrução para isso, a gente foi sendo formado no facão, quando ver consegue chegar nessa síntese, nesses avanços.

C.J. - Tem mais alguma coisa sobre o tema, sobre a campanha que tu gostarias de falar, que tu acha que tem sentido ?

S.N. - Tem, deixa eu ver... Tem um que eu acho que não deve deixar passar, que é elemento muito mais histórico mesmo da organização do DA em relação à Executiva, ao DCE, de

alguma forma pensando que dos vários elementos que a gente tratou até aqui são determinações e que pudesse ter acontecido desse jeito desde lá...A gente ganhar um DA, a gente ter exceção na Executiva, ter um DCE de luta no período que a gente estava tocando a campanha, com grana, militantes, a gente também se formar no processo, a USP ocupar e depois a UNE dizer que vai ocupar, tudo isso acho que são múltiplas determinações para que pudesse acontecer o fenômeno que aconteceu. Acho que tem um que tu deves levar em consideração na hora da tua escrita, que é de que a gente, depois de ter participado de um EREEF, de um ENEEF e de ter organizado o EREEF... Então foi o EREEF em Curitiba, em 2005, ENEEF Salvador em 2005, EREEF Porto Alegre em 2006. A gente foi para um ENEEF em 2006 que foi em Goiana, já com um certo acúmulo depois de já ter feito um EREEF e no ENEEF de Goiânia decide qual será a sede do próximo ENEEF e nesse movimento de muitas avaliações sendo feitas disputas internas entre corrente do PT, correntes do PSOL e PSTU dentro da Executiva, não se tinha uma indicação muito clara de sede para o próximo encontro. Aí a galera de outros grupos veio conversar para a gente abraçar a sede, e isso fez a gente entrar numa crise violenta, interna, no sentido de que a gente tirou uma tarde para discutir se ia fazer isso ou não. Ficou por umas 4 ou 5 horas discutindo: “qual é a necessidade e a maturidade que a gente tem para levar um ENEEF para Porto Alegre no ano de 2007?”. Havia posições antagônicas umas das outras e não lembro se a gente chegou a ter votação, mas a gente depois de avaliar que estávamos começando agora, precisamos ter mais formação. Decidimos não levar o ENEEF e tentar levar o ENEEF do ano seguinte, e se dedicar nesse período todo, já que não ia levar uma bronca tão grande como o encontro nacional de estudantes, que a gente ia investir em nossa formação. E de alguma forma, dentro dessas determinações, essa é uma das determinações que não foi do acaso, que não foi “ah...a USP ocupou e agora refletiu aqui”, não. A gente teve na mão nesse momento, a decisão, sabe, de que ou a gente vai se atolar organizando o encontro nacional de estudantes de 2006 para 2007 o que, de certa forma inviabilizaria tudo isso que a gente relatou na entrevista, ou a gente botava para o próximo ano vem e nos preparáramos. Vamos nos formar e depois levar o ENEEF não só para ser a sede, mas também para ser a sede política do encontro e não ser só para garantir a estrutura. Os outros estudantes virem para cá e as forças disputarem o encontro e a gente só garantir simplesmente que as coisas aconteçam... A gente tinha essa idéia, de que para levar um ENEEF tinha que tocar as pautas e conseguir a organização do jeito que a gente acha que tem que ser, sabe? E nesse momento eu vejo que tem um ponto crucial onde a gente teve

na mão a decisão para isso acontecer e ter maturidade para tomar a decisão correta e, no fim das contas, conseguir impulsionar uma campanha, já que estamos vendo que a questão do RU. A gente está vendo que tem demanda e aquela coisa, mas a gente está abrindo mão do ENEEF, então, é isso que a gente vai tocar. Talvez esse elemento que está se fechando, talvez seja lá o primeiro... Bom, quando é que vocês decidiram, quando vocês começaram a tocar a campanha pelo RU... E esse é um elemento que definiu...”nós agora não vamos tocar o ENEEF, então vamos tocar isso aí”. Em 2007 não fomos sede do ENEEF e nem do EREEF, de alguma forma, ajuda a explicar nossa interação, qual foi o processo que foi se desenvolver.

C.J. - Tem mais alguma consideração que tu gostarias de fazer?

S.N. - Acho que não, na real está tudo aí.

C.J. - Então podemos concluir a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]